

# A FONOAUDIOLOGIA EDUCACIONAL E A ESCOLA: MUITO A FAZER, MUITO A PENSAR, MUITO A ESTUDAR

Ana Maria de Barros KÜESTER\*  
Vera Lúcia CASTELEINS\*\*

## **Resumo**

A atuação do fonoaudiólogo, na Escola, exige uma reflexão urgente. Discute-se o enfoque educacional da prevenção, no âmbito da Fonoaudiologia Educacional, enquanto se preocupa com a promoção da saúde. Propõe-se nova visão, em que o fonoaudiólogo, na Escola, atue preventivamente na educação, contribuindo para a eficiência do processo ensino-aprendizagem. Para tanto, aborda-se novo fazer.

**Palavras-chave:** Fonoaudiologia, Prevenção, Educação, Escola.

## **Abstract**

The professional work of the Phonologist, at School, demands an urgent re-thinking. The prevention point of view is discussed, concerning health promotion. A new vision is proposed, in which the Phonologist can act preventively, contributing to the efficiency of the educational process at School. With that purpose in viwe, a new approach is proposed here.

**Keywords:** Phonology, Prevention, Education, School.

## **1. E por falar em educação e fonoaudiologia: muito a pensar**

Grandes transformações, na educação brasileira, ocorreram, nas últimas décadas, cujo resultado é a ampliação significativa, não apenas no número de pessoas que têm acesso a Escola, nas suas diversas e atuais modalidades. Também aumentou o leque de classes sociais que podem beneficiar-se do ensino sistemático proporcionado pela Escola. Isto acontece nos diversos níveis de educação e ensino que se divide em básico e superior. Contudo, tais transformações, pela natural complexidade que envolve, não têm ocorrido com a velocidade que

\* Prof. Adjunto I da PUCPR. Mestre em Educação. Prof. Curso de Fonoaudiologia da PUCPR.

\*\* Prof. Assistente I da PUCPR. Mestre em Educação. Prof. Curso de Pedagogia e Fonoaudiologia PUCPR.

se esperava, para que o País seja colocado em situação de garantir iguais e diversas oportunidades para todos, como é o ideal do Direito e especificamente, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ( Lei nº 9.394. 20/12/96), em cujo título 1: “ Da Educação” no seu art. 1º pormenoriza a abrangência da educação e os diversos agentes educativos, disciplinando, com ênfase, o ensino e a educação escolar dados em instituições próprias como se lê: *“a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”*

Ocupa-se também do objetivo da educação escolar, que é preparação do educando para o trabalho e para a prática social. Portanto, pensar em educação é pensar em inovação, é pensar em romper paradigmas para refletir diante dos reiterados projetos de reforma em educação que assolam o sistema educacional brasileiro atualmente.

Nesse sentido, pretende atingir o pleno desenvolvimento do educando, preparando-o para o exercício da cidadania e o aperfeiçoamento na qualificação para o trabalho, subentendido o alcance do necessário exercício nas diferentes profissões e atividades.

O século XX manteve em seu bojo a tendência do século XIX, o qual foi fortemente influenciado pelo método cartesiano que separa mente e matéria e a divisão do conhecimento em campos especializados, em busca de uma melhor eficácia.

Acredita-se que esse processo foi necessário para a evolução do pensamento da humanidade, caracterizado pela comunidade científica. Podemos dizer que o século XX caracterizou-se por uma sociedade de produção em massa, levando o homem a ver o mundo de maneira compartimentalizada, separando a ciência da ética, a razão do sentimento, a ciência da fé, e em especial separando mente e corpo.

A visão fragmentada do conhecimento levou, alunos e professores, a se restringirem à reprodução do conhecimento. A fragmentação do ensino foi se acentuando à medida que o aluno foi atingindo os níveis superiores. TOFFLER (1994) designou como “Sociedade do Conhecimento”, visto que a prática pedagógica desenvolvida pelos professores levou à reprodução do conhecimento, à repetição e a uma visão mecanicista de ensino e de aprendizagem.

Em se tratando do **paradigma tradicional**, este se caracteriza por uma postura de valorização do ensino humanista e da cultura, geral. A plena realização do educando advém do saber, do conhecimento, do contato com as grandes realizações da humanidade.

A **escola** é o lugar de excelência em que se realiza a educação. Apresenta-se com um ambiente austero e conservador, com uma disciplina rígida. Sua função é preparar intelectual e moralmente os alunos, ou seja, é a reprodução da cultura pois

funciona “como local de apropriação do conhecimento, por meio da transmissão de conteúdos e confrontação com modelos e demonstrações.” (SILVA, 1986, p. 86).

O papel do **professor** no paradigma tradicional é aquele que apresenta o conteúdo para seus alunos, como pronto e acabado. O processo de ensino e aprendizagem é um repassar e transmitir as informações, de maneira fragmentada, organizado por partes de forma que os alunos possam repetir e reproduzir o modelo proposto, enfocando esse conhecimento como absoluto e inquestionável.

O **aluno** caracteriza-se como um ser receptivo e passivo, obedecendo e sem poder questionar. Sua real função nesse processo educativo é realizar as tarefas sem questionar os objetivos que estão sendo propostos.

A **metodologia** abordada enfatiza basicamente aulas expositivas e as demonstrações que o professor realiza perante a classe. A ênfase no ensinar não abriga necessariamente o aprender. Escute, leia, decore e repita são os pilares metodológicos básicos que o professor usa ao reproduzir suas aulas.

A **avaliação** na prática pedagógica tradicional é permeada por respostas prontas e acabadas. Este fator impede que o aluno seja criativo, reflexivo e questionador. De maneira geral, a avaliação contempla questões que envolvem a reprodução dos conteúdos propostos, enfatizando e valorizando a memorização, a repetição e a exatidão.

No **paradigma escolanovista**, a **escola** enfatiza o ensino centrado no homem, levando em consideração os interesses dos alunos, provocando experiências de aprendizagem.

O **professor** apresenta-se como um “facilitador de aprendizagem”, que deve auxiliar o desenvolvimento livre e espontâneo do aluno. Seu papel não é o de dirigir, mas o de aconselhar e orientar os alunos, organizando e coordenando as atividades em conjunto com os mesmos.

O **aluno** passa a ser neste paradigma a figura central do processo ensino-aprendizagem. O educando participa das experiências para desenvolver suas potencialidades, trilhando caminhos e experiências significativas em busca da aprendizagem, pois a liberdade para aprender o leva a desenvolver iniciativas próprias.

A **metodologia** do paradigma escolanovista, centra-se nas unidades de experiências que o professor vai elaborar junto com os alunos, para buscar a aprendizagem.

A **avaliação** escolanovista privilegia a auto-avaliação, tendo como pressuposto essencial a busca de metas pessoais.

A **tendência tecnicista** tem seu fundamento maior no positivismo, propondo uma ação pedagógica inspirada nos princípios da racionalidade, da eficiência, da eficácia e da produtividade.

A **escola** tem o papel fundamental de treinar os alunos, funcionários como modeladora do comportamento humano.

O papel do **professor** nesta tendência se caracteriza como sendo um mero transmissor e reproduzidor do conhecimento.

Ao **aluno**, nesta tendência, cabe ser mero espectador frente à realidade objetiva. A aprendizagem do aluno decorre dos estímulos e reforços que recebe - componentes imprescindíveis para que este aprenda.

A **metodologia** do ensino é repetitivo e mecânico e a retenção do conteúdo é garantida pela repetição de exercícios.

A **avaliação**, nesta abordagem, visa ao produto. O sistema de instrução leva a desencadear um processo de avaliação como se o aluno estivesse numa esteira de produção de uma fábrica: a preocupação é se o aluno alcançou ou não os objetivos propostos. As avaliações, neste paradigma, levam à exigência de uma forte dose de memória e retenção, e, por conseqüência, ocasiona um alto índice de reprovação. O ápice da avaliação é na informação que o aluno consegue reter e não na formação e no espírito crítico desse aluno.

O paradigma **progressista** leva em consideração o indivíduo como um ser que constrói sua própria história. O desenvolvimento intelectual se apresenta compartilhado de idéias, informações, responsabilidades, decisões e cooperação entre os indivíduos.

À **escola** cabe estabelecer um clima de troca, de diálogo, de inter-relação, de transformação, de enriquecimento mútuo, para que seja local de problematização para compreensão do real, no qual os conteúdos estejam abertos às realidades sociais.

O **professor**, na concepção progressista, estabelece uma relação de busca frente ao diálogo com os alunos, sendo esta sua fonte empreendedora na produção do conhecimento. Cabe ao professor propiciar ao aluno vivência grupal, assumindo o papel de mediador entre o saber elaborado e o conhecimento a ser produzido. Como mediador do conhecimento, o professor engaja-se com o aluno no ato de conhecer e lidera o processo pela competência.

O **aluno** é participante da ação educativa. Junto com o professor atua e se envolve num processo intermitente de investigação e discussão coletiva para buscar a produção do conhecimento. Caracteriza-se como um sujeito ativo, sério, criativo crítico no ato do conhecimento e atua como co-responsável, dinâmico e ativo no processo.

A **metodologia** progressista busca alicerçar-se nas diferentes formas de diálogo, contemplando uma ação libertadora e democrática. (Freire)

A **avaliação** nesta abordagem é contínua, processual e transformadora; perde seu caráter punitivo e entende o sujeito como participante do processo.

Este é o grande desafio da abordagem progressista: aluno, professor, metodologia, escola e avaliação buscarem a superação de práticas pedagógicas autoritárias e conservadoras, ainda tão presentes no cotidiano escolar.

Para CAPELLETTI (1985) a Fonoaudiologia Educacional é a oportuna-

de do relacionamento “homem a homem”, não precisando, por isso, ser praticada só junto à Escola ou apenas em contato com educadores.

Na referência supra, já transparece a amplitude do objetivo da Fonoaudiologia Educacional. Não obstante, aqui, pretende-se focalizar a Fonoaudiologia Educacional, aplicada na Escola, como instituição de ensino formal.

CAVALHEIRO in GIROTO (1999) mencionando as ações desenvolvidas pelo fonoaudiólogo no sistema educacional, divide-as em dois pólos.

O primeiro compreende os profissionais que têm uma visão clínica da Fonoaudiologia, na Escola, voltada para a prevenção de distúrbios de comunicação, identificados em triagens.

No segundo polo busca-se promover a “saúde fonoaudiológica”, num trabalho solidário com os profissionais da educação, proporcionando melhor desenvolvimento da linguagem, por onde se poderá atingir o melhor desempenho escolar.

A matéria do primeiro polo é e deve ser tratada pela Fonoaudiologia clínica. Tem, aqui, interesse secundário ou complementar.

O segundo polo é objeto desse estudo. Nele, concorda-se com a autora quando ela defende ser a linguagem o objeto da atuação fonoaudiológica, na Escola, e discorda-se quando enfatiza a promoção da “saúde fonoaudiológica” vinculada a idéia de doença, compondo o objeto da Fonoaudiologia Educacional, na Escola.

## ***2. Escola e fonoaudiologia. Fala-se em prevenir desvios***

ZORZI (1999), entre outros autores, vem apontando sistematicamente para a necessidade do rompimento entre o fazer fonoaudiológico, arraigado no ideal de cura e supressão de problema, e o estabelecimento efetivo do fazer fonoaudiológico vinculado, na Escola, ao ideal da Educação.

A atuação fonoaudiológica - em sua história - vem sendo influenciada pelas ciências da saúde, preocupando-se com a *praxis* serviço da “doença”, resultando em inclinar-se no sentido da avaliação e da terapia fonoaudiológica que objetivam normatizar as alterações da comunicação oral e escrita.

No entendimento de CAPELLETTI (1990) a idéia de “Prevenção” aplicada à Fonoaudiologia Educacional, na Escola, implica em “compreender antes”, na “ação de apanhar”, de “recolher” com o intuito de “afastar as ameaças da doença”.

A preocupação desse é a de que, com a prevenção, não se procura “afastar ameaças de doença”, no sentido estrito, ou tratamento de doentes. Busca-se evitar, com a atuação fonoaudiológica, na Escola, que durante o processo educativo, surjam dificuldades ligadas à linguagem, em sentido amplo, cujo acompanhamento pressupõe a colaboração dos professores que atuam no processo ensino-aprendizagem.

Atuando na Escola, o fonoaudiólogo não só procura identificar as alterações de linguagem oral e escrita. Também propicia desenvolvimento quer seja da linguagem oral, quer seja escrita.

Dessa maneira, cabe ao fonoaudiólogo estabelecer o seu fazer em plena consonância com os objetivos da Educação e os formulados na Escola, da qual participa.

GIROTO in GIROTO (1999) discutindo o papel do fonoaudiólogo que atua na escola, diz que o mesmo demonstra ter pouca “familiaridade” no desenvolvimento de medidas preventivas que se imponham no processo de aprendizagem da leitura e da escrita, que a autora denomina de ações coletivas centradas no processo de aprendizagem, e não nas ações individuais.

A atuação fonoaudiológica em Escolas não se limita apenas na realização de triagens, mas em reconhecer a necessidade da participação do fonoaudiólogo, no processo de ensino-aprendizagem.

GIROTO in GIROTO (1999) o fonoaudiólogo que atua em escolas encontra-se, “imerso num contínuo processo de aprendizagem.”

### ***3. Falado já está: então... muito a fazer***

A prática fonoaudiológica, ainda se limita, em grande parte, à educação infantil (0 – 6 anos). Apesar de tentar desvencilhar-se do modelo clínico, vem nele se sustentando. No ensino fundamental, mais precisamente nas primeiras séries, também se encontra essa prática. O ensino médio, o superior, o oferecido à distância, o de jovens e adultos parecem não merecer ou necessitarem da contribuição da Fonoaudiologia. O que de pronto, está incorreto. O fazer fonoaudiológico fundado na filosofia humanista, independe de idade, ideologia, credo e lugar. Basta o homem para justificar a linguagem.

Justamente no aspecto linguagem é que o fonoaudiólogo na Escola vem perdendo seu foco. Limita-se a detectar, identificar, certificar problemas de natureza mais variada: voz, fala, motricidade oral, e mesmo linguagem oral/escrita. Perde-se no que se acredita ser o objetivo principal desse profissional, dentro de uma escola: prevenir o aparecimento de situações ligadas com e na linguagem que dificultem a realização do processo ensino-aprendizagem. Assim, as variadas estratégias empregadas facilitam o processo de ensino-aprendizagem. Fica o fonoaudiólogo atrelado ao projeto pedagógico, ao modelo educacional, enfim, a todos os contornos que definem a Escola na qual participa.

Os modelos atuais de atuação na Escola, entre eles, cita-se o defendido por KYRILLOS, MARTINS FERREIRA in LAGROTTA E COL. (1997) sob o título

“Fonoaudiologia e Escola: A Aprendizagem de uma Visão Preventiva” falando sobre sua experiência na atuação fonoaudiológica, em escola, preconizam a realização de triagem fonoaudiológica, de orientações pertinentes à boa saúde fonoaudiológica e os encaminhamentos aos profissionais especializados.

No século XXI, retorna-se a polêmica do papel do fonoaudiólogo na Escola. Não basta levantar dados, evidenciar, triar, na busca de problemas de natureza fonoaudiológica.

A proposta é a quebra deste paradigma e o enfrentamento de outro: o de que o fonoaudiólogo deva atuar na promoção da educação, do ensino, na Escola e não na promoção da saúde. Como quer GIROTO (1999) da qual, nesse particular se discorda concordando, entretanto, quando a autora defende a atuação do fonoaudiólogo, nas questões educacionais.

Desliza-se por um caminho escorregadio e complexo: a educação.

Deverá o fonoaudiólogo, que se aventure nesse campo, poder manter-se nele com o devido conhecimento e suporte teórico-prático. Sem isso, corre o risco de perder-se em finalidades que escapam aos objetivos da Escola.

#### ***4. Uma vez falado, o que faz o fonoaudiólogo na escola?***

Sem a pretensão de inovar em nada, mas ousando o suficiente na proposta, busca-se que a reflexão e a ação andem de mãos dadas quando o assunto é aproximar áreas do conhecimento distintas: a Fonoaudiologia, a Pedagogia, a Filosofia, a Linguística, a Sociologia, a Política, e tantas outras Muitas delas vitais para a Escola.

Ousar é também desafiar. E estar desafiando, com um novo fazer, é o que se pretende para as alunas do 5º período de Fonoaudiologia da PUCPR em 2002, ao cumprirem o Estágio em Fonoaudiologia Preventiva.

Nesse Estágio, de formação optativa, da PUCPR, as alunas deverão atuar, a partir de um rigoroso mapeamento da Escola escolhida, privilegiando sua história, e o conhecimento dos fundamentos didático-pedagógicos, epistemológicos, ético-políticos.

Realizado o que se denominou os aspectos de “moldura” buscar-se-ão os de conteúdo, os de “preenchimento”. Nesse último, as ações fonoaudiológicas somente poderão ser pensadas sobre o modelo de homem no sistema educacional vigente, subentendendo-se a concepção de ler e escrever consoante o modelo didático-pedagógico, além do espaço concedido à linguagem na atitude do aprender.

No primeiro momento, a atuação projeta-se de cima para baixo. Ou seja: parte-se da análise dos documentos da Escola, até a reunião com seu corpo administrativo e pedagógico, com as associações a ela ligadas na tentativa de conhecer e esta-

belecer as metas reais e efetivas em matéria de prevenção. Metas que devem se transformar em ações, em atuação do fonoaudiólogo, sobre o conjunto dos alunos e não com cada aluno em particular. Ações vividas e vivenciadas desde a sala de Direção até a de aula. Essas medidas todas, de difícil execução, exigem uma Escola inovadora, aberta e uma formação do profissional fonoaudiólogo que contemplem a prevenção, a educação e o ensino.

Medidas como triagens, orientações e encaminhamentos não estão descartados. Entretanto, não fazem nem “moldura”, nem “preenchimento”, nesta proposta de ação. Talvez, um pormenor a mais, em se necessitando dele.

### ***5. Considerações finais: foi falado de fonoaudiologia, de educação e de escola; muito a estudar***

Em muitas universidades, a atual forma de apropriação de conhecimento ao aluno é de uma proporção demasiado grande de especialistas em disciplinas predeterminadas, portanto, artificialmente delimitadas. Os avanços da ciência hoje exigem homens capazes de ângulo de visão muito mais amplo, e ao mesmo tempo, de um enfoque dos problemas em profundidade, além de novos progressos que transgridam as fronteiras históricas da disciplina, como vistas nos paradigmas acima descritos.

A hiperespecialização, ou seja, a especialização que se fecha em si mesma sem permitir sua integração em uma problemática global, ou em uma concepção de conjunto do qual ela considera apenas um aspecto ou uma parte, impede que se veja o global, bem como o essencial. Para MORIN (2000, p. 115) “o essencial não é parcelável, e o global é cada vez mais essencial, por isso a parcialidade só pode ser posicionada e pensada num contexto, e este contexto deve ser planetário. Se retalhamos o aprendizado, torna-se impossível apreender ‘o que é tecido junto’, isto é, o complexo.”

Toda formação escolar deve incluir um modelo de análise da prática mais ou menos explicitado e elaborado, pois todo conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto, e se possível, no conjunto em que está inserida. Podemos então dizer que o conhecimento progride principalmente na capacidade de contextualizar e englobar que professores e alunos professam em seu cotidiano.

Portanto, o desafio da globalidade é também um desafio de complexidade. Esta complexidade constitui um todo – econômico, político, sociológico, psicológico, afetivo – inseparáveis e existentes entre as partes e o todo e o todo e as partes. E estamos vivendo uma era, inevitavelmente, com os desafios de com-

plexidade. Complexidade esta que não permite mais à inteligência separar, fragmentar o complexo mundo em pedaços separados, fracionando os problemas, unidimensionalizando o multidimensional (MORIN).

A interatividade entre professor e aluno destina-se à construção de conhecimentos para o desenvolvimento de capacidades e assume diferentes formas para conseguir esse propósito ao longo do tempo de ensino e aprendizagem.

Devemos, pois, pensar o ensino considerando, por um lado, os efeitos da compartimentação dos saberes e a incapacidade de articulá-los, uns aos outros; e por outro lado, considerar que a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida.

Ao lado desse desafio do global e do complexo, há a expansão descontrolada do saber, agigantada por diferentes linguagens presentes na mídia e disseminada por todo o planeta. Portanto, o conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionamento com as informações e inserido no contexto destas. Conhecimentos fragmentados servem apenas para usos técnicos. As informações são parcelas de saber, e estão em todas as partes (MORIN).

Todo conhecimento constitui, ao mesmo tempo, uma construção/desconstrução e uma reconstrução (Demo), a partir de sinais, signos, símbolos sob a forma de representações, idéias, teorias, discursos. (MORIN) Ou seja, o conhecimento comporta ao mesmo tempo “separação e ligação, análise e síntese.” (Morin, 2000, p. 24). Para isso, necessita-se abrir as fronteiras das disciplinas, ou seja, gerar essas fronteiras em princípios organizadores do conhecimento, não mais de forma fragmentada, particularizada, mas conforme MORIN (2000, p.115) “levar em conta tudo que lhes é contextual, inclusive as condições culturais e sociais, ou seja, ver em que meio elas nascem, levantam problemas, ficam esclerosadas e transformam-se.” Que sejam, ao mesmo tempo, aberta e fechada, por isso ser metadisciplinar, no sentido de ultrapassar e conservar e vice-versa (MORIN).

Nas limitações deste trabalho que aguarda o aperfeiçoamento da crítica e da experiência, espera-se ter ficado evidente a necessidade da atuação especializada do fonoaudiólogo no processo ensino aprendizagem para alcançar a educação e o conhecimento satisfatórios, razão de ser e objetivo final da Escola.

## ***Referências bibliográficas***

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica.** Curitiba: Champagnat, 1999.

BRASIL, Lei 9394 de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial, DF v. 134, nº 248.

DE ANDRADE, C. R. F. **Fonoaudiologia preventiva**. São Paulo: Lovise, 1996.

FERREIRA, L. P. (Org.) **O Fonoaudiólogo e a escola**. São Paulo: Summus Editorial, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1975.

GIROTO, C. R. M. **Perspectivas atuais da fonoaudiologia na escola**. São Paulo: Plexus, 1999.

LAGROTTA, M. G. M.; CÉSAR, C. P. H. A. R. **A Fonoaudiologia nas instituições**. São Paulo: Lovise, 1997.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**. A pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1986.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 6. ed., São Paulo: Cortez, 1985.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia histórico-crítica. Primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991

SILVA, S. A. I. **Valores em educação**. Petrópolis: Vozes, 1986.

MIZUKAMI, M. da G. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

TOFFLER, A. **A terceira onda**. Rio de Janeiro: Record, 1995

ZORZI, J. L. **Possibilidades de trabalho do fonoaudiólogo no âmbito escolar-educacional**. Jornal do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Brasília, ano IV, nº 2, p.: 1417, julho 1999.

Recebido em: 05/11/2001

Aprovado em: 16/11/2001